

A
Caminho
do teu Nome

Já alguma vez olharam para o passado e recordaram aquele momento na vossa vida em que lhe podiam ter dado qualquer destino? Talvez não um momento exacto, mas uma época, uma idade em que o futuro era um caminho que poderia seguir qualquer direcção. Olharem para trás e pensarem que nesse tempo, ainda era possível ter feito isto ou aquilo? Poder decidir sem pensar nas responsabilidades que o avançar dos anos trazem, na falta de coragem para arriscar, nas amarras que já não temos força para soltar.

Eu tivera esse momento. Tivera essa época, apesar de não saber muito bem quando e o que mudaria ou se mudaria mesmo alguma coisa.

As ondas do mar batiam com ruído no manto de areia que se estendia ao longo da costa. O céu trouxera um aglomerado de nuvens matinais que transformaram o ambiente numa penumbra cinzenta, escondendo ao longe o horizonte numa espécie de nevoeiro.

O ambiente estava como a minha alma, turva e triste.

Sempre gostara de ir até ao areal observar o mar, sem tempo para permanecer ou partir. E preferia fazê-lo em épocas como aquela, em pleno Outono, quando não se vê quase ninguém por ali.

Estava triste, muito triste, pois perdera uma pessoa muito importante e sabia que a minha vida mudaria dali para a frente, pois nada voltaria ser como antes. O maldito cancro levava-me aquele que fora o meu melhor amigo em toda a minha existência, o meu tio, o homem que me criara.

Naquele dia, tinha eu pouco mais de vinte e dois anos, senti o vazio deixado pela sua ausência. O meu tio era irmão da minha avó materna, a qual nunca cheguei a conhecer, pois falecera ao dar à luz a minha mãe. Foram o meu tio e a minha tia quem educou a minha mãe, mas sentiam que tinham falhado por completo.

Pouco me lembro da minha mãe, apenas as fotos e os relatos que os meus tios partilhavam comigo. Tal como haviam feito com ela, também tiveram que tomar a seu cargo a minha educação, se bem que por razões diferentes.

A minha mãe não tinha juízo, acho que não se pode descrever de outra forma. Na década de setenta do século XX, em plena liberdade pós-revolucionária em Portugal, a sua juventude levou-a a todo o tipo de maluquice que envolvia drogas e sexo. À conta disso, engravidou duas vezes e duas vezes arranhou forma de fazer um aborto. Fê-los contra a vontade dos meus tios que, mesmo condenando-a por aquela vida, estavam dispostos a apoiá-la na maternidade.

Passou uns maus bocados devido aos abortos. Na altura, a interrupção voluntária de uma gravidez era crime e só se conseguia fazer ilegalmente em lugares escondidos por pessoas estranhas que ganhavam bom dinheiro com isso, indiferentes ao que pudesse acontecer às mulheres que as procuravam.

Quando a minha mãe engravidou uma terceira vez, essa foi a gota de água para o meus tios. Estavam fartos. Por isso, o meu tio disse-lhe que se ela fizesse um novo aborto a expulsava de casa. Porém, se ela tivesse a criança, eles iriam ajudar a criá-la e a educá-la. Esta é a minha primeira dívida de gratidão para com eles.

Não sei quem é o meu pai. Nem pretendo algum dia vir a saber. E com sinceridade concluo que é bem possível que nem a minha mãe soubesse.

Seja como for, eu cheguei então a este mundo num Domingo ao início da noite de um dos últimos dias de Verão daquele ano.

A razão pela qual tenho poucas ou nenhuma recordações da minha mãe foi porque ela nunca ultrapassou a depressão causada pela gravidez e pelo parto. Sentia que tudo aquilo era uma prisão, ser mãe era uma prisão. Já não podia fazer a vida desvairada habitual e vivia ressecada com a falta das drogas, uma vez que os meus tios controlavam-na de forma a que ela não tivesse acesso a elas. E por fim, a falta de sexo, o desinteresse que percebia nos homens por não quererem nada com uma mulher que tinha de apêndice um bebé nos braços.

Tal como decidira por duas vezes optar pela interrupção voluntária da gravidez, antes do meu primeiro aniversário, optou pela interrupção voluntária da própria vida. E teve sucesso.

Não vos vou dizer que os meus tios foram os pais que nunca tive. Não vos vou dizer isso porque o meu conceito de pai e mãe não fariam justiça a tudo o que o meu tio e a minha tia foram para mim ao longo dos anos.

Se não fora fácil educar a minha mãe, ter um bebé para criar quando se é quase sexagenário torna-se ainda mais complicado.

Seja como for, eles deram tudo por mim e tornaram-me na pessoa que sou. Também tive as minhas complicações, dei-lhes muitas dores de cabeça, mas soube absorver os seus conceitos, os seus princípios e sei que ambos se orgulhavam de mim.

As nossas vidas levaram um novo rombo quando eu tinha catorze anos. A minha tia tinha um histórico de problemas de coração. Chegou uma altura em que se tornou necessária uma intervenção cirúrgica. Segundo os médicos, apesar de ser uma operação delicada, não

seria complicada e iria correr tudo bem. Acho que foi a partir desta data que deixei de acreditar no optimismo dos médicos.

A operação correu normalmente, mas o pós-operatório trouxe complicações. E a minha tia partiu...

O meu tio estava inconsolável por perder alguém com quem partilhara a vida ao longo de quase cinquenta anos. Foi ele quem me deu a notícia, numa postura segura, mas sem esconder que já chorara e que isso nada tinha de mal. Foi nos seus braços que eu próprio chorei a perda.

Incansável, jamais ponderou a hipótese de deixar de ser viúvo. Tomou para si a totalidade do encargo que eu representava, sempre com um sorriso nos lábios, pronto a suprir as minhas necessidades, atento a que eu não saísse da linha, intransigente a condenar-me cada vez que eu não me portava bem. O meu tio foi tio, pai, avô, irmão... Foi toda a minha família. E acima de tudo, foi amigo.

Naquela manhã, eu estava consciente que nada voltaria a ser como antes. O meu tio falecera vítima de um cancro que, apesar de operável com sucesso, os seus oitenta anos não conseguiram resistir. Estava sozinho, solitário, órfão...

O vento soprou um pouco mais forte. O mar embatia na costa arenosa, avançando e recuando. Percebi que as lágrimas me escorriam pela face. Não me importava que alguém me pudesse ver a chorar. O meu tio ensinara-me que chorar não é sinal de fraqueza, é demonstração de que temos sentimentos.

Iria regressar a casa, ao apartamento arrendado que fora o meu lar desde que nascera e o dos meus tios na maior parte da sua vida. Iria regressar a um espaço tremendamente vazio, um espaço onde somente eu passaria a viver. Já não haveria as manhãs a encontrar o meu tio na cozinha a comer as suas papas de pão e leite, não haveria uma face para dar um beijo, um sorriso a informar que o dia iria correr bem. Já não haveria a quem dizer "até logo" ao sair ou "olá" ao entrar em casa. Já não haveria conversas na sala a ver televisão, discussões saudáveis sobre futebol, relatos de mais um dia de acontecimentos supérfluos. Já não haveria nada, nem nada, nem mais nada. Nada de nada.

Duas gaivotas passaram a voar e foram aterrar no areal, a cerca de vinte metros de mim. Observavam-me como se não existisse. Naquelas ideias ridículas que usamos para tentar colmatar a perda, imaginei-as como sendo a reencarnação dos meus tios que ali andavam a voar à minha volta, continuando a velar por mim. Porém, como se adivinhassem o meu pensamento, as gaivotas indignaram-se e levantaram voo para longe.

Não sei quanto tempo permaneci ali. Sei que não se via vivalma, pois o clima não convidava a passeios na praia. Eu apenas me encontrava ali porque era um local que sempre me apaziguara nos momentos mais infelizes. Acho que aprendi isso com o meu tio, pois era por ali que me levava a passear depois de perder a minha tia, era ali que ele gostava que ficássemos a olhar o mar em silêncio. Lembro-me que certa vez me dissera "se um dia encontrares uma mulher que te ame como a tua tia me amou, vive cada segundo com ela como se fosse o último".

Para ser sincero, nunca pensei que pudesse encontrar alguém assim. O amor que os meus tios partilhavam era de tal forma forte que bastava ver como se olhavam para perceber o quanto se amavam. Mesmo casados várias décadas, sentia-se a paixão entre eles. Porém, se eu encontrasse alguém com quem partilhasse um décimo dessa paixão, já seria imensamente feliz.

Levantei-me da areia e sacudi as calças. Caminhei lentamente, regressando à estrada para regressar a casa. O autocarro ia quase vazio. Era um Sábado invernososo, pelo que aquela rota não tinha muitos passageiros. Ninguém se interessaria em ir para a praia, logo não havia gente a regressar dela. Aquele trajecto ligava a linha costeira de praias e a cidade de Almada, onde eu sempre vivera.

A paragem de autocarro ficava a cerca de trezentos metros da minha casa, um apartamento pequeno que os meus tios haviam arrendado desde que se casaram. Graças à sua antiguidade e ao facto de eu também ter vivido ali desde que nascera, tinha direito a ser o novo arrendatário com uma ligeira diferença de valor da renda. Como já trabalhava, essa despesa não trazia grande problema.

Enquanto caminhava pelo passeio, fui surpreendido por um gato. Já era adulto e tinha um pelo muito bonito tricolor em tons de amarelo, preto e cinza. Calculei que na minha passada seguinte, como qualquer gato de rua, ele desatasse a correr para longe. Porém, ao invés, ele aproximou-se mim.

Fingi que não o vi e prossegui o meu caminho. E ele gatinhou a meu lado, como se dissesse "espera aí, quero ir contigo". Notei que não deveria ser um gato de rua. Parecia bem tratado, apesar de magro. E o facto de se aproximar e quase pedir afecto, levou-me a crer que talvez tivesse sido abandonado por uma qualquer besta sem coração.

— Vai-te lá embora. Não tenho nada para ti. — disse-lhe ao alcançar a porta do meu prédio.

O gato ficou a olhar-me como se esperasse algo de mim.

Eu abri a porta e entrei, tendo o cuidado de não o deixar entrar para a escada. Fechei a porta de vidro e virei costas. Contudo, antes de alcançar o primeiro degrau, voltei a olhar para a porta. O gato sentara-se e ficara a olhar para mim. Tentei subir os degraus... mas não consegui.

Voltei atrás e abri a porta.

— Que se passa? Também ficaste sozinho?

O gato permaneceu sentado com os olhos postos em mim.

— Não sou grande companhia. No teu lugar ia procurar uma companhia melhor.

Ele limitava-se a olhar.

Eu abri mais a porta e dei espaço para que ele entrasse, dizendo:

— Anda. Queres vir comigo?

O gato levantou-se e gatinhou para dentro do prédio. Passou por mim, contornou-me e veio esfregar-se nas minhas pernas.

— Não achas um pouco cedo para demonstrações de carinho? — inquiri. — Mal nos conhecemos.

Subimos as escadas juntos, lado a lado, até à porta do apartamento. Mal a abri, ele entrou e começou a investigar tudo, todas as divisões, todos os cantos.

— Vê lá, não estragues nada.

Fui até à cozinha e preparei-lhe uma tigela de leite. Não tinha mais nada que lhe pudesse dar.

Quando viu a tigela, confirmei que estava faminto.

Enquanto ele se saciava, pensei como lhe haveria de chamar.

— Olha lá, como é que te chamas?

Ele ignorou-me, continuando a beber o leite.

— Deves ter nome. — continuei. — Mas, como te vou chamar? Não gostava que agora me comessem a chamar outro nome que não fosse Daniel. Por isso, como é que te chamas?

O gato olhou para mim e miou.

— Não. Não te vou chamar Miau.

De súbito, veio-me à cabeça aquela fantasia que tivera ao ver as gaivotas, que elas pudessem ser a reencarnação dos meus tios. Seria aquele gato a reencarnação do meu tio? Eu sei que a ideia é absurda. Porém, eu estava fragilizado pela perda e capaz de acreditar em absurdos.

— Não tenho como saber o teu nome. Mas, o que eu mais chamava aqui em casa antes... Antes do que aconteceu. O que eu mais chamava era "tio". Por isso, vou chamar-te Tio.

O gato voltou a miar.

— Não é negociável. Não te vou chamar Miau. Vou chamar-te Tio.

Quando se saciou, Tio gatinhou pela cozinha e aninhou-se a um canto, entre a parede e o móvel. Ficou a observar-me por alguns momentos, até começar a fechar os olhos. Pareceu-me que se sentia seguro e deixou-se repousar. Não faço a menor ideia do que ele deveria ter passado na rua, mas sendo um gato habituado a estar em casa, deve ter sido assustador.

Apesar de não falarmos a mesma língua, disse-lhe que ia sair para comprar algumas coisas para ele. Limitei a movimentação do gato pela casa, fechando a porta da cozinha, e saí do apartamento.

Nunca tivera um gato, aliás nunca tivera qualquer animal de estimação. Por isso, não tinha nada em casa para o Tio. Também não tinha muito dinheiro para gastar com ele.

Não havia lojas de animais por perto, mas a alguns quarteirões existia um hipermercado onde fazíamos compras periodicamente. Pela primeira vez, desde que lá ia, passei na secção para animais de estimação com atenção nas prateleiras. Comprei ração de gato, uma caixa e a areia para colocar nela.

Quando estava a regressar a casa, reparei numa clínica veterinária. Sim, talvez fosse melhor levar o Tio até lá para verificar se ele estava bem.

O gato adaptou-se ao novo espaço. Mais uma prova de que deveria ser um animal caseiro foi o facto de não ter feito nenhum xixi ou cocó enquanto eu fora às compras. Porém, mal instalei a caixa de areia na casa de banho e o chamei, ele apressou-se a aliviar-se. Escolhi uma tigela de plástico e coloquei-a no chão da cozinha, ao lado da que tivera o leite. Enchi-a com ração. No lugar onde ele se deitara, acomodei uma manta velha para lhe servir de cama.

O apartamento não era muito grande, uma cozinha, casa de banho, uma sala e dois quartos. Apenas o quarto do meu tio permanecia com a porta fechada, pois ainda era doloroso para mim lá entrar. Por isso, Tio circulava livremente por todo o lado, normalmente procurando os mesmos espaços em que eu estava.

Nessa noite, Tio ficou a miar quando não o deixei entrar no quarto. Não me agradava a ideia de ter um gato no quarto enquanto dormia. Contudo, o gato ficou a miar, não muito alto, mas suficientemente sofrido para que eu não conseguisse dormir. Levantei-me da cama e abri a porta.

— Chato! Podes entrar, mas não vais para a cama.

Mais valia ter-lhe dito para saltar para o colchão, pois ele entrou, saltou para a cama e aninhou-se ao fundo.

Naquela altura, eu tinha um horário laboral pouco comum, entrava ao serviço às três da tarde e saía à meia-noite. Por isso, as manhãs estavam sempre disponíveis para tratar de qualquer assunto que surgisse. E no primeiro dia útil após a chegada do meu convidado felino, aproveitei essa mesma manhã para o levar ao veterinário.

Como tinha receio do volume dos custos, optei por visitar a clínica primeiro, informar-me sobre os preços e disponibilidade para o gato ser observado. Os serviços funcionavam numa espécie de loja, ao nível do rés-do-chão do edifício, com o espaço bem aproveitado onde uma recepção e uma sala de espera eram os únicos espaços visíveis a quem entrava. Fui recebido por uma jovem simpática que me pôs a par do preço da consulta e dos eventuais adicionais dependendo das necessidades do bichano. Claro que quanto mais ela falava, mais eu me assustava, pensando se tinha um gato ou uma acompanhante de luxo. No fim, inquiriu-me se tinha como transportar o gato, se tinha uma caixa transportadora. Não tinha pensado nisso, nem tinha a caixa. Bastante solícita, emprestou-me uma caixa, uma espécie de jaula portátil, para que eu transportasse confortavelmente o meu novo amigo.

Cerca de uma hora depois, estava a ser recebido pelo médico veterinário no seu gabinete, um homem que aparentava ter uns quarenta anos e com apetência natural para lidar com animais.

— Está com sorte! — exclamou. — Ela está esterilizada.
— Ela?
— Sim, é uma gata.
— Pensei que fosse um gato.
— Não. Posso garantir-lhe que é uma gata. — Afastou o pelo da barriga. — E como pode ver aqui, tem a cicatriz da cirurgia de esterilização.

Bom, pelo menos não teria essa despesa de a esterilizar, conforme ele me havia recomendado antes de a observar. Porém, ainda estava um pouco estupefacto por o Tio afinal ser a Tio.

Claro que não lhe mudei o nome. Ou melhor, não mudei a forma como a chamava, já que o nome deveria ser um outro que eu jamais saberia, a menos que encontrasse os seus donos. E em relação a isso, deixei indicações para que, se alguém aparecesse a perguntar pela gata, poderiam dar o meu contacto.

Não vou fazer suspense sobre esta parte. Nunca surgiu ninguém a procurar a minha Tio. E ainda bem, pois a gata tornou-se peça fundamental no meu dia-a-dia.

A Tio dormia, como costume, no sofá, naquela manhã chuvosa. Sem qualquer compromisso que me obrigasse a sair, fiquei por casa a olhar para nenhures, vendo as gotas a embater no vidro.

Aqueles momentos eram veneno para a minha alma, pois rapidamente me deixava cair em recordações e a saudade atingia-me como uma bala perdida à qual eu fugia diariamente. Nunca ligava a televisão àquela hora e nem para me distrair o faria. Optei por sair da sala e ir ao meu quarto. Fui em busca de nada, esperançado que algo me afastasse das memórias. Olhei para a cama, para a janela, para as prateleiras com os livros que nunca gostei de ler... O som abafado das patas felinas avisaram-me que a gata acordara e viera no meu encaço, era a minha sombra.

Olhei para o velhinho computador que os meus tios me haviam comprado pouco antes de a minha tia partir.

Na adolescência, eu tinha duas grande paixões, a informática e a fotografia, sendo que a segunda surgira primeiro e me entusiasmara mais que os computadores.

O meu tio tinha uma máquina fotográfica, uma Canon AE1, que lhe fora oferecida por um amigo, antes de eu nascer, alguém que lhe trouxera dos Estados Unidos. Os meus tios tinham alguns passatempos, mas a fotografia era-lhes completamente indiferente. Por isso, no meu décimo aniversário, quando me acharam com capacidade para mexer naquele aparelho, ofereceram-me com o meu compromisso de que a estimaria. Eles não tinham noção do poder da máquina que ali tinham, e muito menos eu, na altura. A minha maior dificuldade era colocar o rolo no aparelho, o processo de puxar a ponta do rolo, prender no local específico e enrolar ligeiramente até esticar e ficar pronta a fotografar. Foi o senhor da loja de fotografia do centro comercial em Almada que me explicou. Perante a incapacidade de me esclarecer, o meu tio levou-me lá com a máquina. O homem espantara-se por ver um miúdo tão novo com um aparelho daqueles, porém, teve a paciência de me explicar o funcionamento de forma geral. Eu aprendi depressa e à conta disso, muitas das fotos que existiam lá em casa tinham sido captadas por mim.

A informática foi diferente. Em miúdo, computadores para mim eram jogos. E no prédio onde vivíamos, habitava um rapaz alguns anos mais velho que eu, o qual tinha um famoso Spectrum 48k com muitos

jogos. Apesar de ele me convidar muitas vezes para jogarmos, eu queria ter o meu próprio computador. Penitencio-me pelas muitas vezes em que aborreci os meus tios com pedidos para que me comprassem um computador igual, ao qual eles respondiam negativamente e eu amuava.

Se pudessem, eles dar-me-iam o mundo. Porém, a vida não era fácil e só um controlo orçamental muito apertado evitava que nos faltassem os bens essenciais.

Dei dois passos pelo quarto até ficar junto à mesa do computador. Aquele fora um presente do meu tio, comprado a prestações algum tempo após o falecimento da minha tia. Talvez o tivesse feito para me compensar pela perda, não como se um computador pudesse substituí-la, mas para me afastar da mágoa. Claro que, na altura, não era aquilo que eu queria. Para um puto de quase quinze anos, o computador era para jogar e aquilo não era um Spectrum...

Contudo, o meu tio fora bem claro na sua decisão, se eu queria um computador teria de ter mais utilidade que um mero aparelho de jogos. E, claro, mais uma vez ele tinha razão.

A escolha foi feita com base naquilo que o homem da loja nos vendeu, o conceito de um aparelho que me pudesse servir de apoio aos trabalhos da escola.

A Tio miou.

— Que queres?

Ela voltou a miar e saltou para cima da cama, aninhando-se nas almofadas.

Continuando... O computador, tal como a fotografia, acabaram por vir a ter um impacto decisivo na minha vida. Resisti à tentação de abrir algum dos álbuns que tinha junto dos livros que nunca li. A minha tia adorava ler e sempre tentara inculcar-me esse gosto, oferecendo-me alguns livros. Fora das poucas coisas da minha educação em que não tivera sucesso.

— Sabes o que é que a minha tia me dizia? — disse em voz alta para a gata que me observava bem desperta. — Que a vida não é uma história, é um conjunto de contos onde somos personagem, contos que juntamos ao longo da vida.

Tio miou em resposta.

Sorri para a gata que me olhava como se percebesse o que eu dizia. E talvez percebesse...

Se assim era, se a vida eram conjuntos de contos, os que se seguem são alguns dos contos que compõem a minha vida...

CONTO I
O teu nome é Tânia.
E queria estar ao teu lado.

Eu era seguramente o rapaz mais desinteressante da escola. Tinha dezassete anos e estava no 11º ano. Nunca fora popular, pelo contrário, sempre fora o elo mais fraco nas turmas por onde passara, o tipo com quem todos gozam, o alvo das humilhações. Não tinha amigos e a minha única companhia era a solidão. Nunca gostei da escola e tinha vergonha que os meus tios fossem lá para falar com os professores nas reuniões de encarregados de educação. Os meus colegas tinham pais jovens ou relativamente jovens. Eu tinha um casal de tios com aspecto de avós. Sim, era injusto e estúpido da minha parte sentir vergonha de duas pessoas que me amavam incondicionalmente. Mas por alguma razão a adolescência é dos momentos mais parvos e absurdos da nossa vida.

As directoras das minhas turmas diziam sempre o mesmo sobre mim, sem nada a assinalar no comportamento, apenas muito tímido e fechado, pouco social, algo desatento e pouco interessado na escola.

Houve um momento, um curto momento, quando eu estava no 8º ano, após o falecimento da minha tia, em que pareceu existir uma trégua por parte dos "engraçadinhos" da turma. No entanto, tal como referi, fora uma trégua curta.

Quando penso em mim naqueles dezassete anos, gostaria de ter uma máquina do tempo que me permitisse viajar até essa época para contar a mim próprio que a vida tinha mais soluções e problemas que aquela vida escolar.

Porque é que estou a pegar naquela turma neste conto? Talvez porque tenha sido a mais marcante do meu calvário de estudante.

Eu vinha de um transição de ano escolar muito complicada com uma pauta de notas que me permitiu avançar mesmo no limite. Estivera quase a ficar retido no mesmo ano pela segunda vez.

Contudo, no início desse ano lectivo, soube que na minha escola secundária, uma outra turma do 11º ano, também de Humanidades, iria ter a disciplina de Informática. Bom, na época tinha um nome mais complexo que Informática, mas resumindo era isso. Como não morria de amores pela minha turma, tal como nunca morri de amores por nenhuma das anteriores desde a 1ª classe, pedi ao meu tio que concordasse com a

transferência. O processo resolveu-se a tempo de eu integrar a nova turma antes do início das aulas.

A manhã apresentava-se bonita com um Sol brilhante de final de Verão. Caminhei para a escola envolto na fraca esperança que aquele ano escolar fosse diferente dos anteriores. Vestia uma *t-shirt* larga amarela, calças de ganga azul que pareciam ser dois números acima da minha medida e um blusão do mesmo material muito gasto. Nos pés, os velhinhos *All-Stars* pretos com aspecto de precisarem de reforma. Como já referi, eu era a imagem mais desinteressante que poderia existir de um rapaz de dezassete anos.

A minha roupa não era uma escolha minha. Apesar de não passarmos fome, eu e o meu tio vivíamos com muitas limitações. E comprar roupa, só a que fosse mesmo necessária. Muito do que eu vestia era trazido por uma amiga da minha falecida tia, a qual se mantinha como governanta numa casa de família muito rica. Eles deitavam fora roupa quase nova e a senhora trazia tudo o que podia para nós. Por isso, eu ir a uma loja comprar algo que gostasse estava fora de questão.

O acaso fez com que a primeira aula do primeiro dia de apresentação fosse Informática. Entrei na escola carregando aquela sensação de que todos olhavam para mim e comentavam o meu aspecto ou faziam comentários depreciativos acerca de mim. Reencontrava rostos conhecidos, muitos que preferiria esquecer, gente popular, rapazes que eram tudo o que eu desejava ser e raparigas que eu sonhava namorar.

Enquanto me dirigia para a sala marcada no horário, ecoou o toque de entrada. Constatei que em breve iria conhecer o novo antro de malvados onde teria de permanecer diariamente ao longo dos seguintes oito a nove meses.

Se já era complicado para mim inserir-me numa turma onde a maior parte dos elementos se via pela primeira vez naquele dia, entrar numa onde a quase totalidade já se conhecia do ano anterior era ainda pior. Naquela época, as novas turmas formavam-se no 1º, 5º, 7º, 9º e 10º ano. No 11º ano, a turma já se conhecia.

Eu não era o único elemento novo. Mais tarde vim a reparar que havia outro rapaz que era novo na turma e na escola. Porém, ao contrário de mim, era tão extrovertido que rapidamente se integrou.

Os olhares curiosos alvejaram-me. Quem é aquele tipo novo? Quem é o gordo? Quem é o marreco? Se estas perguntas existiram, eu não as ouvi, eram fruto da minha imaginação que sofria por antecipação. Era o tipo novo, não era gordo, mas a roupa dava essa ideia, e tinha

tendência a curvar-me para a frente, resquícios do uso de mochila pesada no tempo do Ciclo Preparatório.

Naqueles tempos, já não usava mochila, limitando-me a carregar um caderno formato A5 pautado e os manuais das disciplinas que tivesse nos respectivos dias. Era suposto passar a limpo em casa tudo o que escrevesse no caderno, só que nunca o fiz.

A sala de Informática tinha as mesas dispostas em U e com vários computadores. Como deverão ter adivinhado, o número de aparelhos era inferior ao dos alunos. Estranho? Portugal, década de 90, o computador ainda é um bicho estranho.

Os alunos espalharam-se pelas mesas, agrupando-se em associações de amizade que viam os seus contratos renovados para a nova época escolar. Meio perdido, sentei-me na primeira cadeira, ficando logo na ponta do U mais próxima da porta.

Naquela época, não era comum que um adolescente tivesse computador em casa, porém já muitos miúdos e miúdas os tinham e por vezes já se ouvia alguns a falar em jogos de disquete (novidade relativamente aos jogos do Spectrum que vinham em cassetes iguais às de música). Curiosamente, aquela turma agrupou na sua quase totalidade alunos que nunca tiveram computador.

Não me recordo de todos o colegas que tive naquele ano, naquela turma. Houve personagens que se desvaneceram da minha memória da mesma forma que outros se gravaram nela para todo o sempre. O puto novo que viera doutra escola, não me recordo do nome. Só perdurou na lembrança por esse facto, ser novidade ali tal como eu.

Contudo, houve figuras inesquecíveis pelos melhores ou piores motivos. Recordo-me da Maria Inês, a crónica delegada de todas as turmas por onde passava, uma rapariga de dezasseis anos com ares de maria-rapaz, muito carismática e de personalidade muito forte. Havia quem lhe adivinhasse um futuro na política, era assertiva e defensora intransigente dos colegas nas reuniões com os professores. Nunca soube mais nada dela após a escola. Calculo que tivesse sido advogada, pois estudava afincadamente para isso e sei que entrou em Direito na Universidade de Lisboa.

A turma chegou a produzir uma deputada, a Francisca, também com dezasseis anos. Não era uma rapariga deslumbrante, cabelos negros compridos, rosto sorridente para os amigos e arrogante para a restante Humanidade, bajuladora dos professores e segura da sua inteligência. Ignorava-me a maior parte do tempo e amesquinhava-me no que sobrava. Era uma das melhores alunas da turma, sempre com excelentes

notas. Participativa nas aulas, principalmente em Português e Filosofia, nunca deu sinais de vir a ter uma carreira na política. Tal como a Maria Inês, o seu objectivo era a advocacia. Mas, a Francisca de ambições políticas será um outro conto...

Em termos de notas, Alfredo rivalizava com ela. Magrinho e da minha idade, autêntico rato de biblioteca, usava óculos com lentes grossas e não era muito participativo nas aulas, preferindo deixar a sua marca para os momentos de receber testes e ouvirmos todos "muito bem, Alfredo, mais um 18". Também era um alvo fácil para os parvalhões da turma, só que ele demonstrava viver bem com isso e não lhe dava um décimo da importância que eu dava.

Por falar em parvalhões, destacavam-se o Tiago e o Dias. O primeiro era o quebra-corações das meninas. Alto, cabelo alourado pelo Sol e pela cera que usava na prancha de surf, desportista federado de trampolins, não demorou muito a fazer de mim o alvo de piadas e chacota. O seu melhor amigo, Dias, não era desportista nem surfista. Era o mais velho da turma com dezoito anos, perto dos dezanove, péssimo aluno, ar escanzelado... O que é que os unia? Os charros. Dias era uma espécie de *dealer* dentro da instituição. E quantas não foram as vezes em que ambos surgiam nas aulas completamente pedrados.

Para minha enorme surpresa, naquela primeira aula, percebi que fazia parte daquela turma uma rapariga chamada Tânia.

Tânia tinha a minha idade, uma rapariga de uma beleza deslumbrante. Não era a mais bonita da sala, era a mais bonita da escola. Cabelo louro comprido, olhos verdes, rosto de boneca, corpo elegante. Usualmente vestia calças de ganga ou saias compridas que acompanhava com camisas ou camisolas dependendo do clima. Tudo nela era elegância, tudo pensado para ser atraente, cativante. Sim, ela era a quebra-corações dos rapazes. Se alguém naquela sala alguma vez poderia ter hipóteses com ela, seria o Tiago. E ele tentou. Só que ela não lhe deu qualquer abertura. E se tinha namorado, ele não estudava na nossa escola.

Obviamente que eu já a conhecia de vista de anos anteriores. E vê-la no mesmo espaço que eu trazia a esperança absurda que poderia ter alguma hipótese de me aproximar dela. Claro que ela ignorava a minha presença. O máximo que obtinha de si era um riso de desdém quando eu era alvo de uma qualquer partida humilhante.

Tânia andava sempre rodeada das suas duas melhores amigas, a Raquel e a Sofia. Raquel era um ano mais nova. Baixinha, caracóis ruivos, rosto sorridente, fosse para cativar ou para desprezar, e corpo

interessante. Aluna mediana, demasiado espampanante no vestuário, o que lhe valera duas chamadas de atenção por parte do Concelho Directivo por causa das saias demasiado curtas. Já a vira namorar com pelo menos meia dúzia de rapazes da escola e as línguas afiadas diziam que já não era virgem. Qualquer miúdo, incluindo eu, se babaria ao vê-la. Só que Raquel perdia muito da sua beleza devido à vulgaridade com que se apresentava. Sofia estava nos antípodas de Tânia, dezasseis anos, usava o cabelo louro escuro curto, mal penteado, o rosto redondo segurava um par de óculos castanhos e tinha excesso de peso. Não era simpática e vestia roupa que parecia ter dificuldade em segurar a sua massa corporal. Talvez estivesse errado, mas a sensação que me dava ao vê-las com Tânia era a de procurarem aproveitar o brilho desta para resplandecerem.

Como em qualquer aula inicial, a professora apresentou-se e depois fez a chamada, enunciando os nomes de todos. Tímido como era, encolhi-me instintivamente ao ouvir o meu nome.

De seguida, falou sobre a disciplina, dos objectivos e procurou conhecer os alunos e as suas capacidades informáticas.

— Algum de vocês tem algum conhecimento de computadores? Tem computador em casa?

Ninguém se manifestou até haver um otário que levantou o braço. O otário fui eu.

— Como te chamas?

— Daniel.

— Tens computador?

— Sim.

— Mas um computador de jogos ou um deste género? — questionou a professora apontando para um dos aparelhos.

— Estes também dão para jogar. — disse eu, procurando ser engraçado. Ninguém sorriu.

— Sim. — concordou ela com aborrecimento. — Mas, refiro-me a um computador onde podes escrever e imprimir, fazer contas...

— Tenho um computador deste género. — confirmei, travando a sua listagem de possibilidades que me estavam a fazer parecer um idiota.

A professora sorriu. Os meus colegas olhavam para mim com aquele desdém de quem me toma por um lambe-botas a tentar cair nas boas graças da docente.

— Talvez nos pudesses fazer uma demonstração. — sugeriu apontando para um dos computadores.

Merda, vociferei mentalmente. A última coisa que queria era ser o centro das atenções.

Nervoso, desloquei-me para o lugar que ela apontara, sentindo toda a turma a posicionar-se à minha volta. Tentei abstrair-me da sua presença e fiz uma demonstração daquilo que sabia. Claro que não era nada de especial, mas o suficiente para que a professora me valorizasse. Para quem vivia nas sombras, aquele fora um raro momento de orgulho para mim. Só Maria Inês e Alfredo é que percebiam que aquilo não era nada de mais. Ambos tinham computadores em casa, tal como eu. Só que a primeira não se deu ao trabalho de o dizer, adivinhando que a colocariam na minha posição, enquanto o segundo ficou calado, sabendo que quanto menos desse nas vistas melhor.

No que respeita à minha imagem perante os meus colegas, a maioria estava a borrfar-se para os meus conhecimentos. E Tiago aproveitou para passar a apelidar-me de "cromo".

Perante isto, o que terá acontecido para que este pedaço da minha vida se tornasse digno de ser contado?

A Informática era a minha melhor disciplina. Enquanto nas outras alternava entre 11 e 8 valores, exceptuando o 15 a Educação Física, ali eu tirara 18 valores no final do primeiro período. E a professora destacara-me a mim, à Maria Inês e ao Alfredo para dar apoio aos nossos colegas nas aulas, quando fosse necessário.

Em finais de Fevereiro, aconteceu o dia que não mudou a minha vida, apenas iniciou uma etapa que alteraria a forma como eu a encarava.

Lá fora chovia como se toda a água dos oceanos se abatesse sobre Almada. Como era habitual naquelas aulas, a turma agrupara-se em focos de dois ou três alunos junto a cada computador. Eu estava com o Alfredo, o qual encontrara em mim alguém como quem falar de programação, apesar de ele estar muito mais à frente que eu nesse campo de conhecimento.

Não vão estranhar que vos diga que os meus olhos estavam, sempre que possível, prostrados sobre a Tânia. Sim, era mais provável que passasse um porco a andar de bicicleta lá fora à chuva do que ela dirigir-me uma letra que fosse. Porém, isso não fazia com que vê-la deixasse de ser das raras motivações para que eu caminhasse para a escola diariamente.

Naquela manhã reparei no seu rosto fechado e triste, até com as amigas ela falara de forma atravessada, quando chegara. Notava-se que estava com um "humor de cão". Tânia, Raquel e Sofia juntaram-se no seu

computador e ficaram a fingir que mexiam no aparelho, enquanto conversavam sobre o que provocara aquele estado de alma na amiga.

Ao aperceber-se disso, a professora chamou-as da sua secretária. Era suposto estarmos todos a criar um documento no processador de texto e elas não tinham sequer passado do início de sessão.

— Vocês ainda mal mexeram no teclado.

— Desculpe, *stora!* — pediu Tânia que era claramente a líder do trio.

— Só vos vejo na conversa.

Para se mostrarem mais empenhadas, viraram-se para o ecrã e começaram a manejar o rato. Não passaram dois minutos para que voltassem à tagarelice.

— Raquel! — chamou a professora, fazendo-a quase saltar da cadeira. — Vais para junto da Maria Inês e da Francisca.

Estas não ficaram nada agradadas por terem aquilo que elas consideravam ser uma "bimba" a perturbar o seu trabalho. Só que jamais o contestariam.

— Sofia! Tu vais para ali para o computador onde está o Alfredo e o Daniel.

Por momentos, pensámos que a professora iria deixar Tânia sozinha como castigo.

— Tânia! Não vejo sinais de melhoria ou vontade da tua parte em alterar o 9 que tiveste no período passado. — lembrou a docente, iniciando uma dura reprimenda à minha paixão platónica. — Quero que até ao final da aula me apresentes um texto de uma página escrita no programa que temos para o efeito (calculo que saibas a qual me refiro). O tema é à tua escolha.

Tânia fulminou a professora com o olhar. Percebi-lhe a raiva na expressão, não pela reprimenda, mas pela forma como falava com ela, como se não passasse de uma cara bonita sem cérebro.

— Sim, *stora*. — suspirou, desviando o olhar para o ecrã.

Não era preciso estar ao lado da rapariga para perceber que ela estava completamente às escuras sem saber onde carregar, onde escrever, o que abrir...

A professora tinha os olhos cravados nela, consciente das suas dificuldades e aguardando que Tânia se rendesse a um pedido de auxílio.

— Então, já encontraste o programa, Tânia?

A turma toda parara e observava a cena.

A rapariga deveria estar a arder de fúria, mas manteve-se forte, procurando vencer o desafio.

— Ó Daniel! — chamou-me. Os olhares viram-se todos, quase como se fosse um movimento combinado, cravando-se em mim. — Vai, por favor, para junto da tua colega e explica-lhe como é que deve fazer.

Deus existe, foi o meu primeiro pensamento. Do nada, surgia a oportunidade de me sentar junto da rapariga dos meus sonhos e interagir com ela, falar com ela... Bom, rapidamente me apercebi que talvez as coisas não fossem assim tão agradáveis. Senti o olhar ciumento de Tiago amaldiçoar-me e o semblante quase repugnado de Tânia por me ter perto.

Levantei-me do meu lugar e caminhei, qual condenado, até ao computador dela. Tânia afastou a cadeira, como se tivesse receio de ser tocada por qualquer movimento meu. Pensei o que deveria dizer-lhe, mas perante a dúvida fiquei calado. Ela nem olhou para mim. Sentei-me onde antes estivera uma das amigas. Nunca estivera tão perto de Tânia. Ela tinha um perfume adocicado, cheirava tão bem. Super nervoso, comecei a mexer no teclado.

— Daniel! — tornou a chamar a professora. — Não quero que faças as coisas, quero que lhe expliques.

Fiquei envergonhado, acho que o meu rosto ruborizou. Afastei instintivamente as mãos do teclado como se este queimasse. Desviei a cadeira e com um gesto da mão convidei Tânia a tomar o meu lugar nas teclas.

Nunca olhou para mim, desprezava-me por completo. Naquele momento, eu estava a ser uma espécie de carrasco às ordens da docente que, verdade seja dita, nunca simpatizara muito com a rapariga.

Na minha mente, a cena seria diferente. Eu levantar-me-ia e gritaria à professora que aquilo não era forma de falar com a rapariga por quem eu estava apaixonado. E a outra responderia que eu tinha razão e pediria desculpa. E Tânia olhar-me-ia apaixonada...

— O que é que eu faço? — perguntou, despertando-me dos meus delírios.

Comecei a dar-lhe indicações, esforçando-me por não denunciar como estava nervoso. Eu era tão tímido...

Ela foi seguindo as indicações e os nossos colegas perderam o interesse em nós, excepto Tiago que nos observava aos risos, fazendo comentários ao amigo Dias, gozando com o facto de eu estar ali.

— Que merda quer esta cabra que eu escreva? — interrogou Tânia, entre dentes, para ninguém.

— Escreve sobre os teus sonhos. — respondi num impulso.

Tânia sorriu como se eu tivesse dito algo absurdo.

— Sim, vou escrever sobre o que sonhei esta noite. — concordou com ironia. — Bela ideia, cromo.

Eu odiava que me chamassem "cromo". Fora Tiago o "padrinho" daquela alcunha que muitos usavam para me gozar. E talvez por odiar tanto que me apelidassem daquela forma, perdi parte do nervosismo e retorqui:

— Referia-me aos teus objectivos no futuro, aquilo que gostarias de ser.

A forma como eu o dissera, apesar de não ter sido intencional, fê-la parecer estúpida na sua ironia, pois não percebera a sugestão à primeira.

— Não me parece que venha a ser aquilo que sonhava. — ripostou com uma mágoa mal disfarçada.

Se eu tivesse pensado ou planeado o que dizer a seguir, não teria dito:

— É por isso que estás tão triste, hoje?

Foi a primeira vez que olhou para mim. Virou a cabeça na minha direcção e encarou-me com uma mistura de surpresa e desagrado.

— Tu conheces-me de algum lado para saber quando estou triste ou contente?

Não sabia como responder, nem tivera tempo, pois a professora interveio:

— Ó Daniel, não te mandei para aí para agora estares à conversa com a menina Tânia.

A nossa parca troca de palavras era feita num tom baixo, mas a docente estava de vigia e a controlar-nos, daí o aviso.

Novamente, senti-me envergonhado e ruborizado perante o olhar crítico e jocoso dos meus colegas. Tentei abstrair-me disso e sugeri:

— Escreve então sobre o que te leva a crer que não irás concretizar os teus sonhos.

O seu olhar estava outra vez no ecrã.

— Não me parece que seja algo que me apeteça partilhar contigo ou com aquela cabra.

— Tudo bem. — concordei, vencido. — Escreve sobre o que quiseres. Eu estou aqui, se precisares que te explique alguma coisa.

Tânia começou a escrever. Iniciava uma frase, apagava, voltava a teclar, apagava, nova tentativa... Por fim, escreveu:

"Ontem ressebi uma carta"

— Recebi é com "c", não com dois "s". — corrigi, recebendo em troca um bufar irritado.

— Estás a ler o que estou a escrever? — questionou.

— Queres que me vire de costas?

Ela não respondeu, mas exigiu:

— Pelo menos, evita os comentários. Eu sei que se escreve com "c", só me enganei.

Encolhi os ombros e mantive-me em silêncio, a ver a sua escrita.

"Ontem recebi uma carta que me matou. Não me matou fisicamente, mas matou-me o sonho. Sempre sonhei ser..."

Parou de escrever. Durante alguns segundos, ficou estática a olhar para o ecrã. Por fim, apagou tudo novamente, dizendo:

— Não, não vou partilhar isto convosco.

Ficámos imóveis. Eu à espera do que ela iria fazer. Ela a tentar decidir-se a escrever algo.

De súbito, levei os dedos ao teclado.

"Não sei qual é o teu sonho, mas não acredito que uma só carta o possa ter morto."

Aguardei uma reacção agressiva, uma resposta brusca, o tom de desdém, a ironia...

Para minha surpresa, Tânia substituiu-me no teclado:

"Podes acreditar. Matou."

"Ninguém mata os sonhos de uma rapariga bonita.", escrevi.

Sem a conseguir encarar, percebi a sua hesitação. Eu seria incapaz de verbalizar o que acabara de escrever. A resposta foi ponderada e os seus belos dedos de unhas pintadas de rosa voltaram a fustigar as teclas:

"É fácil matar os sonhos de uma rapariga de dezassete anos que sonha ser modelo."

Não sabia o que haveria de argumentar. Queria ter a inspiração de escrever algo que a animasse e me fizesse ganhar pontos na sua consideração. Porém, não tive tempo. A atenção de Tânia desviou-se subitamente para a outra extremidade da sala, onde a nossa professora se encaminhava na nossa direcção. Num movimento relâmpago, Tânia pressionou violentamente a tecla "delete" e apagou tudo o que havíamos escrito.

Quando alcançou o nosso computador, a docente olhou com irritação para o ecrã que apresentava um documento de processador de texto completamente vazio.

— Já era de esperar... — suspirou, agastada.

Nesse instante, ecoou por toda a escola o toque de saída.

— Vocês os dois esperam! — ordenou. — Quero falar convosco.

Toda a turma abandonou a sala, observando-nos e conjecturando o que se sucederia a seguir. Quando todos saíram, Tânia antecipou-se:

— Ó *stora*, eu tentei escrever alguma coisa, mas não me saiu nada de jeito. — Apontou para mim. — Ele viu.

— Sim, é verdade. — concordei, qual cachorrinho a quem só faltou abanar a cauda.

— E era sobre o quê, aquilo que tentaste escrever?

Tânia hesitou, gaguejou...

— Acho que tu não tens noção do que está aqui em causa. — prosseguiu a mais velha. — Não tens noção que assim terás negativa no final do período e no final do ano. E se tiveres mais duas negativas, chumbas o ano. — O tom tornou-se algo escarminho. — E não me parece que essa seja uma possibilidade muito remota, pois não?

Tânia não respondeu. Tal como eu, era uma aluna mediana, safava-se bem a Português, Inglês, Francês e Filosofia, mas em História e Geografia as notas estavam abaixo da linha de satisfação. E essas duas com aquela iriam certamente retê-la no 11º ano, pois não estava a ver a professora de Informática a dar-lhe nota positiva se ela não demonstrasse mesmo que a merecia.

— Tânia! Se não queres comprometer de forma decisiva a tua nota nesta disciplina, espero que na próxima semana me tragas um texto escrito num processador de texto e mo entregues gravado numa disquete.

— Mas, *stora*, eu não tenho computador. — lamentou-se num tom suplicante.

— Eu tenho. Posso ajudar-te. — ofereci-me, pensando que isso me atribuiria um papel heróico. Errado!

Tânia atirou-me um olhar fulminante como um raio que, se pudesse, me teria feito em pó. Ela não queria ajuda, queria uma razão para não fazer o trabalho. E eu tirara-lhe o argumento chave.

— Estás a ver? O teu colega ajuda-te. — Olhou para mim. — E espero que ajudes mesmo. Estou muito desapontada contigo, Daniel. Mande-te para ali para ajudares a tua colega e no final, ela é que te desencaminhou.

Obrigado, *stora*, o que eu precisava agora era de uma reprimenda na frente da miúda mais gira da escola. Ainda para mais, fazendo-me passar de menino da professora para cachorrinho da menina bonita.

— Podem ir!

Tânia levantou-se como se a cadeira tivesse uma mola, pegou na sua mochila e abandonou a sala. Entretanto, eu fui buscar o meu caderno e os livros das disciplinas dessa manhã e também saí.

Para minha surpresa, Tânia esperava-me no corredor.

— Obrigadinho, cromó! Eu a tentar arranjar uma desculpa para não fazer o trabalho e vens tu armado em salvador com essa proposta de usar a merda do teu computador.

A professora saiu da sala e fechou a porta. Passou por nós com os olhos em Tânia e despediu-se:

— Cá espero a tua disquete para a semana.

Quando a docente se afastou, Tânia encarou-me de uma forma menos agressiva.

— Estava a pensar... Tu podias fazer tudo e depois davas-me a disquete para entregar à professora. — Lançou-me um olhar de charme. — Ia ficar-te muito agradecida.

Tive vontade de perguntar como me iria ela agradecer. E quase o fiz, não fosse ela ter insistido:

— Vá lá, cromó.

— Não! — exclamei, debatendo-me comigo próprio. — Posso ajudar-te, mas não farei o trabalho por ti.

Ela soltou um esgar de fúria.

— Que propões então?

Eu sabia o que poderia propor, mas engasguei-me todo para o verbalizar. Não tinha coragem para o dizer, receando que ela me gozasse por sugerir semelhante ideia.

— Então, cromó? Como pretendes ajudar-me? — insistiu.

— Podemos combinar em minha casa. — respondi, sem respirar. — No fim de semana?

Tânia olhou-me como se lhe tivesse acabado de propor que ela entrasse num curral para ver o porco. O seu rosto contorceu-se com tal hipótese. Virou-me as costas e caminhou furiosa pelo corredor até desaparecer.

Hoje, quando penso naquela aula, naquela troca de frases no processador de texto, pergunto-me se não teríamos sido os precursores das mensagens de telemóvel ou das conversas *online* que se tornariam tão comuns, anos mais tarde.

Tânia não me dirigiu a palavra no resto da semana, ignorando-me por completo. De tal forma que o assunto foi arquivado na minha mente. Não sabia como iria ela resolver o problema, talvez encontrasse um amigo que a ajudasse ou conseguisse convencer algum ostracizado

como eu a fazer o trabalho por ela. Fosse como fosse, não era problema meu.

Na Sexta, após a última aula do dia, que acontecia a meio da tarde, a minha caminhada pelo corredor foi travada por uma voz a chamar:

— Ó cromo!

Sofia gritara suficientemente alto para que todos ouvissem, provocando gargalhadas em muitos dos estudantes que se movimentavam por ali. Pensei em não parar, mas sabia que isso só serviria para que ela continuasse a gritar e a envergonhar-me.

Tiago passou por mim e no seu tom jocoso habitual disse:

— Vem aí o fim de semana, crominho. Dois dias para brincar com o computadorzinho.

Ignorei-o.

Entretanto, Sofia e Raquel pararam junto a mim.

— A Tânia quer falar contigo! Espera aqui por ela! — transmitiu a primeira, falando como se eu não passasse de um escravo de sua senhoria.

Não esperaram qualquer resposta da minha parte e foram embora.

Tânia foi a última a sair da sala. Atrasara-se propositadamente para evitar ao máximo que alguém testemunhasse o facto de ela falar comigo. Talvez não o falar comigo, mas sim o assunto em questão. Quando foi ao meu encontro, o corredor estava vazio. Olhou-me com enfado, demonstrando que aquilo seria a última coisa que lhe apetecia fazer.

— Pensaste na minha proposta? — questionou, deixando-me confuso.

— Que proposta?

— Bolas, és mesmo lerdo.

Ai, Daniel, quem me dera naquela altura saber o que sei hoje. Teria barafustado com ela por me falar naquele tom, dava-lhe um beijo na boca e ia embora dizendo "desemerda-te".

Porém, eu era tímido e estava apaixonado por uma rapariga que jamais poderia alcançar.

— Desculpa, mas não me recordo da proposta que falas.

Tânia suspirou de aborrecimento.

— Tu fazes o trabalho e depois entregas-me a disquete, lembras-te? E eu ficava-te eternamente agradecida.

Sorri com tristeza.

— O que significa isso de "eternamente agradecida"?

Foi a vez de ela parecer confusa.

— Como assim?

— De que me serve a tua eterna gratidão?

Ela não soube o que responder e alterou o rumo da conversa:

— Como é? Posso contar contigo?

— Já te tinha dito que não.

A irritação dela foi crescendo, de tal forma que cheguei a recear que me fosse dar um estalo. Deu um berro que ecoou pelo corredor vazio. Uma funcionária veio espreitar.

— Eh! Meninos! Não podem estar aí.

Não era permitido permanecer nos corredores.

Tânia ignorou-a.

— Aquela puta de Informática quer lixar-me a vida. — vociferou.

— E tu não és capaz de me ajudar.

— Já te disse que te ajudava a fazer o trabalho. Mas não o farei por ti.

Ela virou-me as costas. Bateu com o pé no chão. Fiquei a contemplá-la, atormentado pelo desejo, dilacerado pela certeza que ela nunca seria minha. Tornou a voltar-se, quase apanhando-me a olhar para o seu rabo.

— Parece que não me livro de ter de ir a tua casa fazer o trabalho.

Onde vives? — questionou com brusquidão.

Expliquei-lhe onde era a minha casa.

— Não fica longe da minha.

— Se quiseres, podemos combinar amanhã de manhã.

— Esquece! — exclamou, abanando a cabeça. — Vou sair com as minhas amigas esta noite. A manhã é para dormir. Passo lá depois do almoço.

Não perdeu tempo com mais uma sílaba que fosse.

Recordo-me que nessa noite quase não dormi, ansioso pela visita dela na tarde seguinte. Aquilo parecia um sonho que poderia facilmente tornar-se um pesadelo. Comecei a pensar no que ela acharia da minha casa, das minhas coisas, de eu viver com o meu tio velho, no que ela poderia pegar para fazer chacota no regresso à escola. Se calhar, aquilo fora uma péssima ideia.

O "depois do almoço" de Tânia foram as quatro da tarde, altura em que todo eu estremei ao ouvir a campainha da porta. Na rua, o Sol brilhava intensamente, enganando a sensação fria da temperatura. Saí do quarto, onde estivera a preparar o computador e caminhei para a porta

como um condenado. Carreguei no botão para abrir a porta do prédio e abri a de casa. Ouvei os passos nas escadas, o som da borracha das sapatilhas a chiar no mármore.

Há coisas que nunca esquecemos. A imagem de Tânia naquela tarde perduraria para sempre na minha memória. Vestia calças de ganga e uma camisola de lã grossa escura, por baixo do blusão de cabedal. O cabelo louro vinha preso num rabo-de-cavalo na nuca e, ao contrário do que acontecia na escola, não se maquilhara. Vinha a mascar pastilha elástica.

— Olá! — cumprimentou num tom neutro.

— Ol... Olá! — retribuí, nervoso.

Ela entrou no exacto momento em que o meu tio saiu da sala. Ele sorriu e dirigiu-se-lhe:

— Olá! Deves ser a amiga do meu sobrinho. — Olhou para mim.

— Não me tinhas dito que a tua amiga era tão bonita.

Obrigado, tio, se já estava acanhado, depois disso queria um buraco onde me enterrar.

Curiosamente, Tânia sorriu.

— Eu sou o tio do Daniel. — apresentou-se. — Fica à vontade. — E afastou-se para a cozinha.

Conduzi Tânia até ao meu quarto, pedindo a todos os santinhos que ela não visse nada que me pudesse envergonhar. Apontei-lhe a cadeira, em frente ao aparelho.

— Já liguei o computador. — expliquei sem necessidade.

Tânia olhava em redor, escrutinando tudo o que nos envolvia. Despiu o casaco e colocou-o nas costas da cadeira.

— O teu tio vive cá em casa? — questionou, sentando-se.

— A casa é dele. — respondi automaticamente.

— E os teus pais?

Respirei fundo, não queria tocar naquele assunto. Fingi não ter ouvido e sentei-me na cama. Ela voltou-se e esperou uma resposta.

— A minha mãe morreu quando eu tinha meses. Nunca conheci o meu pai.

Partilhei a informação quase sem respirar. Passados dezassete anos, ainda era doloroso falar daquilo.

Tânia observou-me com um semblante diferente.

Não, pensei, por amor de Deus não tenhas pena de mim.

— Foi o teu tio que te criou?

— Com a minha tia. — adicionei.

— Então vives com os teus tios?!

Anuí, rectificando:

— Com o meu tio. A minha tia faleceu há três anos.

— Lamento! — disse intensificando o semblante.

Fod... Está mesmo com pena de mim.

Sem perder tempo, voltou-se para o ecrã. Eu tinha deixado o processador de texto aberto com um documento novo, por isso, ela poderia começar quando quisesse.

— O teu tio é simpático. — elogiou, possivelmente com a intenção de apaziguar o assunto.

Murmurei uma concordância entre dentes.

— Já pensaste o que vais escrever? — perguntei para as costas dela.

— Talvez algo sobre moda.

— Não será então sobre os sonhos.

Ela não se manifestou e começou a escrever.

Percebi que era mais fácil falar para as costas dela que encarar-lhe o olhar, quase tão fácil como escrever no computador, como fizéramos na aula.

— Lamento que tenham ferido o teu sonho. — continuei. — Posso saber o que aconteceu?

— Não tens nada com isso. — foi a resposta pronta.

— Sim, tens razão. Não tenho nada com isso. Mas, pelo que pude perceber, se o teu sonho é ser modelo, deves ter recebido uma carta de alguma agência a recusar-te.

Ela voltou-se abruptamente.

— Sim, foi isso. Estás contente? Agora já podes ir para a escola espalhar a notícia. Juntas uns tantos cromos como tu e fazem piadas acerca disso.

Olhei para ela, sério.

— Lamento que me vejas assim ou que me imagines capaz de fazer isso.

Tânia percebeu que estava a ser injusta, mas longe de se achar na necessidade de pedir desculpa. Voltou-se e regressou à escrita.

— Pensa que te feriram o sonho, não o mataram.

— Sim, sim... — murmurou na esperança que me calasse.

— Todos nós temos os nossos sonhos, não podemos desistir deles na primeira contrariedade. — Dei por mim a falar como se imaginasse o diálogo com ela, como tantas vezes fizera na solidão daquele mesmo quarto. — Eu também tenho os meus sonhos e continuo a acreditar que se irão realizar. Afinal, se não acreditarmos neles, quem acreditará?

— E que sonhos são esses? — interrogou, mantendo a atenção na escrita.

— Sei lá... — respondi. Depois, vá lá saber porquê, enchi-me de coragem. — Conseguir roubar um beijo à rapariga mais bonita da escola.

Ela parou de escrever e encarou-me, sorrindo como se tivesse ouvido um enorme absurdo e atirou:

— *In your dreams*. Jamais, cromo.

E virou-me as costas.

Que esperava eu? Que por a estar a ajudar, isso a faria interessar-se por mim? Contudo, não sei o que me deu na cabeça e prossegui:

— Na verdade, não queria roubar-lhe um beijo. O meu sonho era que gostasse de mim.

— *In your dreams*. — Desta vez nem se deu ao trabalho de se voltar.

— Achas que estou a falar de ti?

— Claro que estás.

— Tens-te em muito boa conta para quem se deixa abater tão facilmente nos sonhos que tem.

Como raio é que aquela frase me saiu da boca? Jamais em tempo algum eu teria coragem de verbalizar-lhe algo semelhante. Porém, como referi, era fácil falar-lhe para as costas e estava no meu ambiente, no lugar onde tantas vezes a imaginara comigo.

A Tânia a que eu estava habituado, a Tânia da escola, desancarme-ia pela afronta daquelas palavras. Porém, para minha surpresa, ela prosseguiu o bater no teclado.

— Sim... Talvez tenhas razão.

Fiquei em silêncio. No quarto só se ouvia o som dos seus dedos a bater nas teclas. O meu tio passou no corredor e parou junto à porta aberta.

— Querem lanchar alguma coisa?

Abanei a cabeça.

— Não, obrigado. — recusou ela com o sorriso que nunca partilhava comigo.

Passados alguns minutos, parou de escrever. Levantou-se da cadeira e olhou-me com frieza.

— Acabei. Podes gravar numa disquete?

Não me mexi, encarando-lhe o olhar frio e desdenhoso.

— Quantas agências de modelos existem? — perguntei com naturalidade.

— Muitas. — respondeu ela, impaciente.

— Quantas te recusaram?

Tânia pareceu não perceber a questão, mas acabou por dizer:

— Uma.

Sorri.

— Percebes agora porque digo que não te mataram o sonho?

Atenção, registem o momento, gravem-no nos livros de História, os relógios marcavam dezoito horas e quarenta e um minutos de um sábado de Inverno. Tânia sorriu-me pela primeira vez.

Voltando a cadeira para mim, Tânia tornou a sentar-se. Ajeitou o cabelo, esticando o rabo-de-cavalo..

— Nem sei bem porque escrevi para a agência... Bom, sei, queria ser modelo, óbvio. Mas, não tinha planeado fazê-lo agora, nem tinha ideia de quando o faria ou até se o faria. A oportunidade surgiu porque a Raquel viu um anúncio numa revista... Procuravam candidatas a modelo. As interessadas deveriam enviar uma carta de apresentação e meia dúzia de fotos. Tanto ela como a Sofia não me largavam: "És a rapariga mais bonita da escola", diziam, "Mal te vejam, vão escolher-te". Deixei-me levar... Escrevi uma ridícula apresentação numa folha do caderno de português e arranjei umas fotos que tinha das férias. — Fez uma pausa, abanando a cabeça. — No início da semana, recebi uma carta deles, a agradecer a candidatura, mas que não reunia os atributos que eles procuravam. — Sorri um sorriso vencido e encolheu os ombros.

— Tenta novamente. — sugeri. — Tenta noutras agências. Podemos fazer a tua carta de apresentação no computador.

Tânia não pareceu muito entusiasmada.

— Não tenho mais fotos e aquelas que mandei também não eram nada de especial.

— Eu tenho máquina fotográfica, posso fazer-te as fotos.

Ela ponderou a questão.

— Não tens nada a perder. — insisti.

Olhando para o relógio, decidiu:

— Posso aproveitar o teu computador e fazer a carta de apresentação. Depois, logo se vê.

Trocámos de lugar. Arranjei-lhe uma disquete e guardei o ficheiro que ela deveria entregar à professora. A seguir, como tinha mais prática, fiquei aos comandos do computador e, juntos, escrevemos a carta de apresentação com a informação que as agências pediam e que ela decorara.

Mal terminámos, o meu tio surgiu à porta do quarto.

— Queres jantar cá connosco? — convidou.

— Obrigado. — agradeceu com uma simpatia que não lhe conhecia. — Mas os meus pais estão à minha espera para jantar.

— Vives longe? — indagou ele.

— Duas ruas abaixo.

O meu tio olhou para mim.

— Vais acompanhar a tua amiga a casa? Já é noite.

— Não é necessário — recusou ela, sempre sorridente com o meu tio. Fiquei com a clara noção que simpatizara com ele.

— Daniel, sê cavalheiro. — ordenou-me.

— Sim, claro. — concordei, procurando o meu casaco roçado.

Nesse momento, apercebi-me da carta terminada no computador.

— Eu guardo a apresentação, vou ver se te imprimo alguma cópias.

Ela anuiu.

Fizemos o trajecto pela rua deserta em silêncio. Parecia que todos os assuntos se haviam esgotado entre nós. Não sei se lhe agradara que a tivesse acompanhado ou se aceitara só para não ser inconveniente com o meu tio. Não tinha ilusões, sabia que ela não gostava de ser vista comigo. E apesar de pouco provável, poderíamos cruzar-nos com alguém da escola.

Tânia vivia numa rua de prédios baixos, não mais que três pisos. A zona era conhecida pelas casas ricas e por lá viverem pessoas de estrato social mais elevado que o meu. Soube mais tarde que a mãe dela era advogada e o pai piloto da TAP.

Quando alcançámos a porta do seu prédio, senti que infelizmente o meu momento com ela terminara.

— Chegámos. — disse ela. — Obrigado pela ajuda com o trabalho.

— Ainda bem que pude ajudar. — retorqui. — Depois entrego-te as impressões para enviases para as agências.

Ela assentiu descrente. Depois, pareceu lembrar-se de algo e pediu-me para esperar um pouco. Vi-a entrar no prédio e desaparecer na subida dos degraus. Só esperava que não fosse uma partida parva para me deixar ali especado até ter percebido que ela não voltaria.

Voltou e trazia na mão um envelope. A noite já caíra por completo, mas o candeeiro de rua defronte do prédio tinha luz suficiente para ver o que ela me queria mostrar. Trazia a folha manuscrita que enviara e as fotos que a mostravam.

— Foi isto que enviei.

Observei tudo com atenção.

— Não fiques chateada comigo, mas vou ser sincero.

— Diz.

— Estas fotos nunca te levarão a lugar nenhum. — opinei, aguardando a sua fúria. Ela permaneceu atenta. — As agências esperam receber fotos de alguém que demonstre interesse pela moda. Nestas fotos, és apenas uma miúda a divertir-se na férias.

Seria desta que iria levar um estalo?

— Talvez tenhas razão. — concordou. — Sim, pareço tudo menos alguém que pretende entrar no mundo da moda.

— Se quiseres, eu faço-te as fotos. — ofereci.

— Não achas melhor ir a um fotógrafo profissional? — interrogou, desdenhosa.

— Custa dinheiro. — lembrei.

— E então? Se queres bem feito...

— Como queiras. — cedi. — Mas, se eu as fizer e ficarem bem, poupas esse dinheiro. — Ela ponderou a hipótese. — Não precisa de ser nada do outro mundo. Podemos ir ao jardim, fazes umas poses como as que vês nas revistas de moda e pronto.

— Quando é que o poderíamos fazer?

— Não sei... Amanhã à tarde?

— Sim. Podemos encontrar-nos no jardim lá em baixo?

Assenti, entregando-lhe o envelope com a folha e as fotos.

— Está combinado. Até amanhã.

E com aquelas palavras afastou-se e desapareceu no interior do prédio sem olhar para trás.

Nunca rezei tanto na vida para que não chovesse naquele Domingo. Só que, quando me apercebi que iria estar uma tarde radiante e solarenga, atemorizei-me com a falta de confiança em mim para fazer as fotos.

O meu tio dera-me a máquina fotográfica porque nunca se interessara por aquilo. Inicialmente, quando o amigo lha oferecera, ele tentara vendê-la, uma vez que o dinheiro que ela rendesse seria certamente mais útil que o aparelho. Contudo, as lojas não se interessavam por material em segunda mão e ainda não existia *Internet* para publicar anúncios a vender coisas. Sim, havia os classificados dos jornais, mas custavam dinheiro. Sendo assim, a máquina acabou por ficar esquecida até se tornar num presente para mim.

Eu sempre tivera interesse por fotografia, mas só na adolescência é que esse interesse se intensificou. Enquanto os outros miúdos pediam

dinheiro para banda desenhada, eu pedia revistas sobre o tema. E não eram baratas, daí que não tivesse muitas. Procurei apurar a minha técnica com o que ia lendo e com o que o senhor da loja de fotografia me explicava. Mesmo assim, cheguei a ter rolos fotográficos completos a seguir directos ao caixote do lixo. Pois, naquele tempo, não existiam máquinas digitais com pré-visualização de fotos e cartões de memória... A malta que nasceu no século XXI não faz ideia do que era viver nos idos tempos de mil novecentos e qualquer coisa.

Seria capaz de fazer fotos decentes? Estaria tão nervoso que nem o automático da máquina me safaria? Tremeria de tal forma que as fotos saíam todas desfocadas?

Saí de casa carregado de incertezas e nervoso como nunca estivera. A juntar ao facto de raramente passear pela rua, só mesmo para ir à loja de fotografia, sabia que estava a caminho de me encontrar com a rapariga que me tirava o sono ou entrava nele. Sabia que se tudo corresse bem, talvez existisse a mínima possibilidade de Tânia me ver com outros olhos. Mas se corresse mal... Bom, não se adivinhariam dias muito alegres.

O jardim ficava a cerca de vinte minutos da minha casa, indo a pé. Não era muito grande, cercado por cedros baixos e árvores altas onde os pássaros se acomodavam a chilrear. Como não tinha *flash* para a máquina, as fotos teriam de ser feitas aproveitando o máximo da claridade da tarde, evitando as sombras das árvores.

Não tínhamos combinado um local específico no jardim. Optei por ficar sentado num dos bancos e aguardar que ela aparecesse. Também não tínhamos combinado a hora... Dei por mim a concluir que era péssimo a marcar encontros.

Tânia apareceu dez minutos depois. Reconheci-a logo que atravessou a rua e se dirigiu à entrada que cortava o cedros. Acenei-lhe, mas ela ignorou-me, já me tinha visto e não precisava de fazer alarido disso.

Enquanto se aproximava na minha direcção, contemplei-a. Caminhava com uma elegância natural, como se desfilasse. O cabelo solto esvoaçava ao sabor da brisa, o rosto parcialmente escondido pelos óculos escuros. Vestia o casaco de cabedal sobre uma camisola de malha bege que lhe acentuava o peito, a saia era curta e preta, as pernas protegidas por meias de lã que surgiam por baixo da saia e desapareciam dentro das botas de cano alto.

Podem imaginar como eu me sentia um maltrapilho a seu lado, envergando as gangas largas e roçadas, a camisola de lã que em tempos fora do meu tio...

— Olá! — cumprimentou num tom distante.

— Olá!

Tânia olhou à volta, não sei se para escolher um cenário ou preocupada que algum conhecido a visse comigo.

— Então, onde vai ser?

Apontei para a clareira do jardim, onde o Sol incidia com intensidade. Ela não esperou por mim e passeou pela relva até lá. Eu segui-a.

— Está bem aqui?

Assenti.

Ela despiu o casaco e pousou-o no chão. Como o vento teimava em despenteá-la, retirou um elástico do bolso e prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo. Retirou os óculos, inquirindo:

— Alguma sugestão?

Encolhi os ombros, obtendo dela um abanar de cabeça desapontada. Acabei por sugerir que ela fizesse poses semelhantes às modelos que víamos na televisão. Ela teria certamente melhor conhecimento disso que eu.

Confesso que a cena era estranha, uma rapariga lindíssima, elegante, resplandecente, a ser fotografada por um puto deselegante, mal vestido e desajeitado. Mesmo assim, concentrei-me na minha tarefa. Nas trinta e seis fotos do rolo, fotografei-a em posturas de corpo inteiro, da cintura para cima, de perfil e de rosto. Todos os sorrisos dela eram planeados, projectados para a lente. Contudo, houve um momento raro, um momento em que uma criança a correr e a fintar a avó lhe provocou um riso natural, um semblante de pura ternura e felicidade. E eu registei-o.

— Pronto. Acabou o rolo. — informei, puxando a pequena alavanca da máquina, a qual puxava o negativo para o registo seguinte, de forma a não fotografar sobre a foto anterior. Esta prendera, indicando que o rolo chegara ao fim.

Tânia perdeu todos os sorrisos, pois já não eram necessários. Verdade seja dita, ela parecia ter nascido para aquilo, tinha uma óptima relação com a lente o que a tornava bastante fotogénica. Claro que, na altura, isso passou-me ao lado. Seria a experiência dos anos vindouros que me fariam ter essa noção.

Pegou no casaco e vestiu-o. O Sol começava a desaparecer atrás dos prédios. Desprendeu o cabelo e colocou os óculos na cabeça, segurando-o como se fosse uma bandolete.

— E agora? — questionou.

— Vou mandar revelar o rolo.

— Quando achas que estará pronto?

— Se for lá agora, talvez amanhã. — ponderei, esperançado que ela se oferecesse para me acompanhar.

Tânia assentiu:

— Então vai lá.

Despediu-se com um virar de costas sem palavras. Só que dois passos a seguir parou. Regressou ao pé de mim.

— Não quero que contes isto a ninguém! — exigiu. — Não te atrevas a dizer a alguém na escola que andaste a tirar-me fotos.

— Podes ficar descansada. — concordei, evitando encontrar-lhe o olhar e vendo-a depois afastar-se indiferente à minha existência.

Qual cachorrinho bem mandado, eu lá segui o meu trajecto até ao centro comercial. Dei por mim a questionar-me para que estava a ter todo aquele trabalho por alguém que me tratava daquela forma. Sim, pensei que a tarde anterior a tivesse feito ver-me com outros olhos, mas estava errado, ela só me dirigia a palavra para seu interesse. Só que, quando somos adolescentes e não temos confiança em nós, quando nos sentimos uma merda e temos vergonha de existir, qualquer migalha que uma deusa como ela nos atire é ouro.

A loja de fotografia ficava a poucos metros da entrada do centro comercial. Lá dentro, o espaço era o sonho dos amantes de fotografia como eu, eram as máquinas expostas, os acessórios, as fotos de mulheres bonitas e homens atraentes usadas para mostruário de molduras... Aquele era o meu mundo.

O senhor que eu conhecia não estava de serviço. Foi um rapaz, uns cinco anos mais velho que eu, que me atendeu. Entreguei-lhe o rolo para revelar. Informou-me que poderia levantar na tarde seguinte.

— Não devias andar a passear isso por aí. — alertou, apontando para a máquina. — Ainda te assaltam.

— Eu tenho cuidado.

Já fora assaltado, quando tinha doze anos, vindo da escola. Na altura só me roubaram as poucas moedas que tinha. Perder aquela máquina, seria perder o coração ou os pulmões.

Não se preocupem, regresssei a casa, são e salvo.

No dia seguinte, foi o regresso à escola, a primeira vez que me cruzaria com Tânia desde que estivera em minha casa e que nos encontramos no jardim. Para alguém solitário como eu, aquilo poderia ser já o início de uma amizade. Tentei não alimentar muitas ilusões para não me decepcionar. Não esperava uma recepção calorosa no reencontro, mas no mínimo um cumprimento, um "olá".

Avancei pelo corredor, já toda a turma esperava que o professor de Filosofia chegasse para abrir a porta da sala. Tânia estava encostada à parede, rodeada pelas amigas. Os nossos olhares encontraram-se. Sorri-lhe. Ela ignorou-me. Não foi preciso mais para perceber que nada mudara.

O dia decorreu como costume, o calvário habitual, o entrar em cada aula a contar os minutos para sair, aguardar nos intervalos contando os segundos para regressar à sala, contabilizar as disciplinas até o dia chegar ao fim e ir para casa, marcando menos um dia no calendário para a chegada das férias.

No entanto, aquele dia não terminaria de forma tão simples.

Acho que, de alguma forma, a ida de Tânia a minha casa chegara aos ouvidos de Tiago. Ele era popular, o menino querido das meninas, gostava de se armar em bom e teria com toda a certeza interesse em namorar com ela. Tânia ria-se com as palhaçadas dele, com a forma como gozava com os colegas... Mas, nunca lhe dera qualquer hipótese de ser sequer seu amigo. Por isso, sem querer, eu alcançara algo que ele nunca experienciara, ter a bela Tânia em sua casa.

O seu único neurónio, que por sinal deveria ser coxo e vesgo, achou por bem que me deveria humilhar diante dela. Assim, num dos intervalos, enquanto eu caminhava automaticamente pelo corredor, Tiago veio por trás de mim e pregou-me uma rasteira que me fez cair desamparado no chão.

— Ó cromo, és mesmo desastrado. — berrou ele para gáudio dos comparsas. Olhou para os meus livros e caderno no chão. — Tudo espalhado. E pontapeou-os para longe.

Nestas alturas, vemos o nível de solidariedade estudantil. Todos os alunos que ali circulavam, passaram por mim a rir ou a borrar-se para o que acontecera. Tânia assistira a tudo e também passou por mim indiferente, limitando-se a abanar a cabeça, como se quem tivesse agido errado tivesse sido eu.

O corredor ficou vazio, altura em que consegui apanhar tudo sem ter que me desviar de pernas. Levantei-me do chão com uma dor nos